

## Bolsa de calores

### Férias

Anda meio mundo escandalizado porque a Guarda Nacional Republicana premeia os agentes que passam mais multas, com sete dias de férias extra. Ora, agentes destes, pelo contrário, mereciam ir de férias para sempre.

### Túnel

Diversos analistas disseram que o facto de a economia portuguesa ter crescido 0,3% no segundo trimestre de 2009 representa uma "luz no fundo do túnel". O problema é saber, no fim disto tudo, quanto vamos pagar pela construção do tal túnel.

### Táctica

Nos meandros do futebol, há quem ande preocupado com o facto de a liga portuguesa de futebol ter arrancado sem um plano anti-gripe A para os adeptos. Não vemos onde está o problema. Se não há plano A passem já para o plano B.

### Açúcar

Nos mercados internacionais, o açúcar está em alta. Desde Dezembro do ano passado, a cotação já cresceu 61%. Não tarda nada, uma bola de Berlim ficará mais cara do que um bife do lombo. Se for com creme, só para milionários.

# Verão

Pedro Elias



## CIÊNCIA

# Para onde caminha a Ficção Científica?

**SILVIO MENDES\***

A 16 de Agosto de 1864, há exactamente 145 anos, nascia Hugo Gernsback. O mesmo que em 1926 inventava o termo *scientific fiction* (qualquer coisa como *científicoficção*), colocando pela primeira vez a ideia de Ficção Científica (FC) no mapa das designações literárias. Gernsback foi também o fundador da revista *Amazing Stories*, a primeira exclusivamente dedicada ao género.

As raízes da FC surgiram ainda no sec. XIX, nos textos de Júlio Verne, e rapidamente se alastraram um pouco por todo o globo, atraindo autores como Orson Wells, George Orwell, William Golding, Aldous Huxley e Doris Lessing. Esta última tornou-se mesmo no único Prémio Nobel da Literatura (2007) com uma fase declaradamente de FC.

Fase declaradamente de quê? Da arte que faz o implausível pa-

recer possível, que descreve coisas improváveis a ocorrer no mundo real sob circunstâncias especiais e especula sobre possibilidades que um dia a ciência poderá vir a concretizar. À volta, gravitam outros géneros, como a fantasia científica, que – pelo contrário – dá um toque de realismo a situações que não podem, de modo algum, acontecer num mundo real.

E aprende-se ciência através da ficção? “Aprende-se a gostar de ciência e a pensar na ciência. Até pode haver um erro aqui e ali, mas a ciência não tem medo dos erros, tem é dos embustes”, responde José Simões, membro da Associação Portuguesa de Ficção Científica e Fantástico - Simetria.

Os que menos erram e mais brilham são reconhecidos com o Prémio Hugo (primeiro nome de Gernsback), o mais respeitado galardão do género, criado em 1955 e anunciado na Convenção Anual de

Ficção Científica. Arredados da lista de premiados sempre estiveram os autores lusos.

Em Portugal, o cenário da FC já foi mais animador. A Associação Portuguesa de Ficção Científica e Fantástico - Simetria chegou mesmo a organizar encontros anuais de nível internacional, mas a falta de fundos converteu-os em encontros internos e pouco regulares. E o género deixou progressivamente de ser uma aposta das editoras nacionais. Regularmente paira o fantasma da morte da FC, mas sem concretização.

José Simões vai por outro caminho: “A FC tornou-se respeitável, atraiu escritores respeitáveis, mas mais formados em cursos de literatura do que em cursos de ciências. A ciência passou para segundo plano – passou a ser mais desculpa do que motivo”.

\* Associação Viver a Ciência  
www.viveraciencia.org

Com os livros de ficção científica também se aprende ciência. Os que menos erram são os galardoados com o Prémio Hugo